

Diferença social sobressai no sepultamento

Ricos têm um local melhor, limpo e bonito. Quanto aos pobres, estes buscam vagas nos cemitérios públicos ou clandestinos

Quando o assunto é morte, muita gente sequer cogita a possibilidade. Mesmo sabendo que o destino de todos é esse, a morte ainda é um assunto difícil de ser tratado. Muitas famílias são pegas de surpresa, já outras preferem se preparar para esse triste dia, porque quando ele chegar, vem junto com a certeza de que há um lugar reservado para enterrar seu ente querido. Em Aracaju, como em tantos outros lugares, os mais favorecidos sempre terão um local melhor, limpo e bonito, já os menos favorecidos têm que recorrer a uma vaga no cemitério público ou mesmo aos clandestinos.

Tudo é comércio e com a morte não é diferente. Se você deseja um lugar garantido para seus familiares serem enterrados, você tem que pagar por isso. No Cemitério Santa Izabel, um dos mais antigos da capital, fundado em 1862, boa parte das figuras ilustres da capital estão sepultadas lá. Gumercindo Bessa, Silvio Romero, ministros, deputados, juízes, desembargadores descasam ali e suas famílias têm a perpetuidade do espaço, ou seja, aquele metro quadrado dentro do cemitério pertence a uma determinada família.

De acordo com o administrador do setor de patrimônio da Associação de Beneficência Santa Izabel, administradora tanto do cemitério Santa Izabel quanto do Cemitério da Cruz Vermelha, hoje não há disponibilidade de lápides para perpetuidade, apenas as que funcionam em sistema de aluguel de três anos que hoje custam R\$ 1.150,00.

“Hoje o Santa Izabel já está em sua capacidade máxima nesse sentido, já no Cruz Vermelha tenho ainda cerca de 1 mil jazidos e espaço para construir mais uns 8 mil, e se for na vertical muito mais. O valor do aluguel de três anos no Cruz Vermelha é de 520 para três anos. Já os perpétuos são divididos em três categorias: Ossuário que custa R\$ 1 mil; os jazidos tipo carneiro que sai por R\$ 6 mil e o terreno de 1 metro por 2,5 metros custa R\$ 10 mil, ai cada

um construí seu mausoléu do jeito que desejar”, explica Jurandy Gois.

Mesmo não havendo espaços da Associação de Beneficência para ser vendido no Cemitério Santa Izabel, há proprietários querendo vender seus jazigos pela quantia estimada de R\$ 100 mil. “Tenho um anúncio aqui de um mausoléu nesse valor e recebi uma ligação essa semana de outro proprietário também querendo vender”, conta Gois.

O Santa Izabel era o cemitério onde as pessoas de posse da capital se enterravam, então é muito comum encontrar no local, jazigos todo revestido em mármore, peças em bronze, estátuas imponentes, características que traduzem a importância de ser enterrado ali.

“Os jazigos são feitos por terceiros. As famílias contratam arquitetos e outros profissionais para desenhar e fazer os túmulos. Temos túmulos em mármore carará, mármore caro que vinha da Itália, geralmente encontrado nos túmulos da década de 20 até a de 60. Hoje em dia é mais comum a utilização dos granitos, mas temos peças e escritos em bronze e até mesmo em ouro. Nos jazigos encontramos coisas belíssimas, temos várias declarações de amor, inclusive em partituras, lá estão muitos romeus e muitas julietas”, revela o administrador.

• Contradição

Em contrapartida, no outro lado da cidade, no Povoado Rabalo, na zona de expansão de Aracaju, a comunidade está sendo enterrada em um cemitério clandestino por não ter condições de arcar com o traslado do corpo até os dois cemitérios públicos de Aracaju. Segundo o presidente da Associação Desportiva, Cultural e Ambiental do Robalo (ADCAR), José Firmo dos Santos, o cemitério dos Naufragos tinha sido desativado em 2007, mas em 2010 a comunidade resolveu reativá-lo.

“O Ministério Público começou a discutir essa questão dos cemitérios clandestinos coletivos e familiares e só aqui na Zona de Expansão a Empresa

Municipal de Serviços Urbanos (EMSURB) identificou 10. Em 2007, estes tiveram que ser interditados por ação judicial e apenas dois em 2008 foram legalizados. Mas esta decisão dizia que a Emsurb tinha que construir um cemitério adequado e enquanto isso não acontecesse, dá condições de traslado dos corpos, mas isso não aconteceu. Ai a comunidade se reuniu e em 2010 decidimos reabrir”, conta o presidente.

O cemitério dos Naufragos já tem mais de dois séculos de existência e no local estão enterrados alguns combatentes da 2ª Guerra Mundial que morreram em um naufrágio na costa sergipana e muitas pessoas da comunidade. O local não recebe nenhuma ajuda pública, são os moradores e os comerciantes locais que mantêm o cemitério. “Cada um ajuda como pode e assim vamos mantendo. Os enterros e a manutenção são feitos por nós mesmos e pagamos a uma pessoa também da comunidade, que há 50 anos faz esse serviço aqui”, expõe Firmo.

Vários túmulos e uma capelinha bem simples dividem o pequeno espaço que restou dos Naufragos. De acordo com o presidente da ADCAR, com a construção da rodovia boa parte do cemitério foi perdida. A comunidade reconhece os danos ambientais que o cemitério pode causar e que o local precisa de mudanças, mas admite que isso a comunidade não tem condições de fazer.

“Sabemos que os gases e líquidos provenientes da decomposição do corpo contaminam o lençol freático, ainda mais num terreno arenoso como o daqui, sabemos que precisa de adaptações, mas é preciso que o poder público atue nesse sentido, mas enquanto isso não acontece, pessoas estão morrendo e precisamos enterrar. Ainda contamos com outro problema que é o espaço, lá é pequeno e algumas vezes quando vamos abrir uma cova, nos deparamos com restos mortais”, afirma o presidente.

Mesmo funcionando na ilegalidade, Firmo assegura que no local todos os corpos enterrados desde 2010 são devidamente identificados.

"Aqui as pessoas não são enterradas de forma ilegal, temo a cópia do atestado de óbito de todo mundo que se enterrou aqui desde sua abertura. A comunidade se preocupa com isso, não é qualquer pessoa que chega e enterra aqui, a comunidade precisa estar ciente", afirma.

• Medidas

Muitas famílias carentes preocupadas com a morte optam por fazer um plano funeral. Por uma taxa baixa essas famílias garantem um enterro com dignidade. Em uma empresa da capital que fornece o serviço há planos de R\$ 25, R\$ 38 e R\$ 65 e o contrato tem duração de quatro anos, podendo ser renovado quantas vezes sejam necessárias. Há 15 anos no mercado, a empresa já tem 80 mil clientes titulares em Sergipe.

"Hoje nós atendemos aqui na empresa 90% de plano, o restante é particular. Com os três tipos de planos que temos, atendemos a toda população, porque como o valor da mensalidade de R\$ 25 no plano básico fica de fácil acesso, inclusive o pessoal de baixa renda que mais tem o plano funeral. Isso se justifica porque o funeral particular custa caro, sai por R\$ 2.800,00 e a pessoas pagando essa mensalidade ainda tem direito ao plano o cônjuge, filhos solteiros, pai e mãe ou sogro e sogra", explica Rosângela Maria Nunes, supervisora de Telemarketing.

A carência para o plano é de 90 dias, a partir daí tanto o titular quanto dependente tem direito a um funeral completo com caixão, velatório, transporte de até 200 Km ou 400 Km da corpo a depender do plano, ônibus para transporte ao cemitério, mortalha, flores, ou seja, tudo que é necessário para o funeral, inclusive a parte burocrática. Claro que o plano tem que

estar em vigência e as parcelas em dia.

• Emsurb

Em relação à Ação citada pelo presidente da Associação do Robalo, o diretor de espaços públicos da Emsurb, Luiz Carlos dos Santos, informou que não tem ciência da matéria em relação a interdições dos cemitérios clandestinos, incluindo o Náufrago.

"O cemitério dos Náufragos é clandestino e não ao mesmo tempo. Não é porque há a questão cultural e na questão da interdição a Emsurb não tem poder de polícia nesse sentido para interditar, quem teria que fazer isso eram os órgãos ambientais por conta da contaminação do lençol freático. Não temos conhecimento dessa ação, mas, aparecendo, a Emsurb vai ter a resposta, vai poder buscar, fazer um cadastramento dos cemitérios e sinceramente o que vamos encontrar são cemitérios familiares, tradicionais como os Náufragos", informa. O diretor ressalta é que os cemitérios que funcionam ilegalmente são problemas pequenos e o que deve ser levado em consideração no momento são os problemas maiores.

"Nos cemitérios clandestinos e até nos particulares são poucos os enterros, às vezes um só no mês. Nós temos o São João Batista que enterra em média 15 pessoas por dia. Nós não podemos fazer nenhuma intervenção ali porque é necessário o estudo de impacto ambiental. Ninguém quis se preocupar com cemitério, mas é preciso se preocupar com isso. Hoje para aumentar a capacidade do São João Batista estamos retirando os restos mortais com dois anos e não mais com três, mas vai chegar o tempo que isso não será mais solução. Essa é uma preocupação nossa, inclusive a Prefeitura já solicitou que a Emsurb estude um espaço juntamente com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente para construção de um novo cemitério público em Aracaju", revela Luiz Carlos.



**NO POVOADO
ROBALO, ZONA DE
EXPANSÃO DE
ARACAJU, MUITOS
SÃO SEPULTADOS
EM CEMITÉRIO
CLANDESTINO**